



## ORIENTE MÉDIO

# Promessa de vingança

Hamas e Jihad Islâmica ameaçam resposta à mais letal incursão israelense na Cisjordânia em duas décadas. Operação militar no campo de refugiados de Jenin deixou nove mortos e pelo menos 20 feridos. Embaixadores avaliam risco de escalada de violência

» RODRIGO CRAVEIRO

A mais letal incursão militar israelense em quase 20 anos mergulhou o Oriente Médio em uma escalada de tensão, com promessas de vingança dos grupos fundamentalistas palestinos Hamas e Jihad Islâmica — alvo da operação na Cisjordânia. Também levou a Autoridade Palestina (AP) a romper a cooperação de segurança com Israel, após classificar o incidente como “massacre”. “Diante das agressões reiteradas contra o nosso povo e das violações dos acordos firmados, sobretudo em matéria de segurança, consideramos que a cooperação em segurança com o governo de ocupação israelense não existe a partir de agora”, assinalou, em um comunicado, o gabinete do presidente da AP, Mahmud Abbas.

“A resistência está por toda parte, preparada para o próximo confronto, caso o governo fascista (israelense) e seu exército criminoso continuem atacando nosso povo, nossa terra e nossos lugares sagrados”, avisou Tariq Salmi, porta-voz da Jihad Islâmica. “A ocupação pagará o preço pelo massacre de Jenin e nossa resistência não será quebrada; a resposta não será demorada”, disse Saleh Al-Arouri, vice-chefe do Departamento Político do Hamas.

Por sua vez, o governo do premiê Benjamin Netanyahu afirmou que a ofensiva, no campo de refugiados de Jenin, teve o objetivo de coibir “ataques terroristas iminentes” que estariam sendo planejados pela Jihad Islâmica. O primeiro-ministro também elogiou a “coragem” dos soldados. Nove palestinos foram mortos na ação, entre eles Majeda Obeid, de 61 anos, que teria sido alvejada dentro de casa. “Quando minha mãe terminou de rezar, olhou pela janela por um momento e, então, foi atingida por uma bala no pescoço. Seu corpo tombou contra a parede e depois caiu sobre o chão”, disse Kefiyat Obeid, de 26 anos, filha de Majeda.

A comunidade internacional reagiu com preocupação, às vésperas de uma visita do secretário de Estado dos EUA, Antony Blinken, a Israel e à Cisjordânia. O chefe da diplomacia de Washington desembarcará na região na segunda-feira para reuniões com Abbas e Netanyahu.

Zain Jaafar/AFP



Palestinos lançam pedras contra escavadeira do Exército israelense, durante confrontos em Jenin: invasão ocorreu sob pretexto de frustrar atentado

## ONDE FICA



AP decidiu interromper a coordenação de segurança.”

Em entrevista ao **Correio**, Daniel Zonshine, embaixador de Israel no Brasil, explicou que a ideia da operação militar era impedir atentados. “Nós esperamos que a Autoridade Palestina não inflame a área, nem retalie, o que agravaria a situação. Esperamos que a cooperação militar e na segurança continue, a fim de prevenirmos a perda de vidas de pessoas inocentes”, declarou. Segundo o diplomata, militantes palestinos dispararam contra os soldados de todas as direções. “Estamos prontos para qualquer resposta. Na última vez em que houve uma incursão em Jenin, foguetes foram lançados da Faixa de Gaza. De qualquer forma, não foi um massacre, nem nada do tipo. A ideia era evitar ataques que matariam nossa gente”, acrescentou Zonshine.

Ibrahim Alzeben, embaixador da Palestina em Brasília, acusou Israel de pretender forçar uma nova intifada (revolta), a fim de alegar que o povo palestino não deseja a paz. “É uma escalada característica do novo bloco governamental belicista de Netanyahu e de seus ministros. O mundo precisa reagir de maneira consistente. Os fóruns internacionais devem expressar o desejo mundial de acabar com a guerra de agressão e com a ocupação israelense, a causa de todas as crises no Oriente Médio”, disse ao **Correio**. “Apelamos ao Conselho de Segurança, ao Tribunal Internacional de Justiça e ao Tribunal Penal Internacional para que desempenhem o seu papel para deter a agressão, acabar com a ocupação e processar os criminosos de guerra”, acrescentou.

## Vozes dos diplomatas

Evaristo Sá/AFP



“O governo israelense cumpre com sua agenda sangrenta e com o terrorismo de Estado no campo de Jenin. Esta é a segunda vez, depois que Ariel Sharon destruiu completamente o campo, em 2002. Os crimes em curso contra o povo palestino estão ocorrendo à luz da impotência e do silêncio internacionais. Chegou a hora de traduzir posições de condenação em medidas concretas e punição dos governantes de Israel e suas hordas, seja o exército ou seus colonos. As décadas de crimes contínuos no território do Estado da Palestina refletem a sangrenta ideologia racista do governo israelense e a política baseada na limpeza étnica.”

Ibrahim Alzeben, embaixador da Palestina no Brasil

Embaixada de Israel



“O campo de refugiados de Jenin virou um lugar dominado pelo terrorismo. Nem a Autoridade Palestina entra lá. Do ponto de vista geográfico e da ausência do Estado, podemos compará-lo com as favelas do Rio de Janeiro. A informação que chegou às nossas forças de segurança era a de que haveria um ataque terrorista. Isso exigia uma resposta rápida e urgente. As forças israelenses entraram em Jenin à luz do dia, a fim de deter esse complô. Houve uma intensa troca de tiros. Alguns dos terroristas palestinos foram mortos, alguns se renderam e muitas outras pessoas surgiram dos becos e começaram a atirar em nossos soldados.”

Daniel Zonshine, embaixador de Israel no Brasil

De acordo com relatos, por volta das 7h de ontem (2h em Brasília), soldados à paisana entraram em Jenin escondidos dentro de um caminhão frigorífico com placa palestina. No entanto, militantes palestinos reagiram e dispararam contra o veículo, explodindo a carroceria. Em uma ação coordenada entre o Shin Bet (a agência de segurança de Israel), as Forças de Defesa de Israel (IDF) e a polícia, os militares usaram retroescavadeiras para remover cerca de 30

barricadas. Moradores de Jenin travaram um confronto com as forças judias, enquanto militantes reagiram a tiros. Palestinos acusam Israel de lançar gás lacrimogêneo dentro de um hospital.

## Caos

“Houve uma grande invasão ao nosso campo, com centenas de soldados israelenses e franco-atiradores. Um apartamento situado no meio de Jenin foi cercado. Cinco

homens da Jihad Islâmica, do Hamas e das Brigadas dos Mártires de Al-Aqsa (do Fatah) estavam ali dentro, e foram mortos por mísseis antitanque. Outros três homens, posicionados na rua, foram abatidos por franco-atiradores”, contou ao **Correio** Hisham Abushaqrah, 34 anos, cinegrafista da agência Alanadulu. Ele relatou ter assistido à operação. “Israel bloqueou o acesso ao campo, até mesmo para ambulâncias”, denunciou. Militantes palestinos

teriam lançado coquetéis Molotov contra as tropas de Israel, enquanto moradores arremessaram pedras contra os carros blindados.

O jornalista palestino Wahaj Bani Moufleh, 23 anos, que viajou 61km de Beita a Jenin para cobrir os funerais, afirmou à reportagem que moradores clamavam pela necessidade de resposta ao que chamou de “massacre” e apelavam ao mundo por uma reação. “A situação por aqui é tensa. Não sei se haverá uma escalada, mas a

## UCRÂNIA

# Rússia reage a tanques com bombardeios

Os ucranianos ainda comemoravam as notícias de que Alemanha, Estados Unidos, Noruega e Polónia enviarão tanques de guerra Leopard 2 e M1 Abrams a Kiev, quando a capital da ex-república soviética e outras cidades enfrentaram horas de intenso ataque de mísseis russos. A nova onda de bombardeios deixou pelo menos 11 mortos e o mesmo número de feridos, além de ter provocado blecautes, em meio à destruição de infraestrutura civil. O general Valery Zaluzhny, chefe das Forças Armadas da Ucrânia, confirmou que a Rússia disparou 55 mísseis, ontem, dos quais “47 foram destruídos, 20 deles nas imediações de Kiev”. Durante a madrugada, 24 drones Shahed de fabricação iraniana foram abatidos.

Moradora de Brovary, cidade a 20km de Kiev, a historiadora Kateryna Shtepa — chefe do

Departamento de Planejamento Estratégico do Instituto de Relações Governamentais — disse ao **Correio** que a Rússia tenta travar uma guerra contra a população civil. “Moscou não perde a esperança de nos deixar sem eletricidade. Somos gratos por nossos aliados pelas armas que enviarão. Apenas um míssil russo atingiu o alvo. Nós sabemos o que fazer em caso de ataques massivos com mísseis, e estamos prontos para qualquer cenário. Pela manhã, um dos projéteis destruiu a infraestrutura crítica, mas nossos especialistas rapidamente estabeleceram uma situação”, relatou.

Ainda segundo Kateryna, o bombardeio de ontem foi uma reação à transferência de novas armas por parte do Ocidente. “Isso é o estilo russo. Quando os ucranianos são bem-sucedidos no campo de batalha ou no front

Sergei Supinsky/AFP



Homem caminha em bosque destruído por ataque de míssil, em Kiev

diplomático, a Rússia dispara mísseis contra civis”, comentou. “Os ataques de hoje (ontem) não foram algo novo para nós. Houve sirenes antiaéreas durante quase toda a quarta-feira, e existia

uma sensação de que uma ofensiva massiva era iminente. Hoje pela manhã, o perigo em Kiev e região durou 4 horas e 22 minutos.”

Anton Suslov, especialista da Escola de Análise Política (em

Kiev), não vê uma escalada por parte de Moscou. “Os russos utilizaram mísseis hipersônicos no verão e no outono. O estoque de mísseis do Kremlin está se esgotando, o que torna os bombardeios menos frequentes e com menor quantidade de artefatos”, avaliou à reportagem.

## Rotina

De acordo com Suslov, muitos cidadãos ucranianos se adaptaram aos alarmes antiaéreos. “De repente, o dia em que você acordava por causa do som de uma explosão passa a ser normal. Já recebi notificação sobre risco de bombardeios quando eu estava a caminho do trabalho. Vi muita gente nas estações de metrô, que passaram a servir de abrigo durante os ataques aéreos”, relatou. “Quando cheguei hoje (ontem) ao meu escritório, escutei um

míssil se aproximar. Felizmente para mim, ele atingiu um alvo em outro distrito. Mas as sirenes antiaéreas soaram por mais de quatro horas.”

Os ataques de ontem ocorreram horas depois de o Kremlin advertir que o envio de tanques à Ucrânia representa um “envolvimento direto” do Ocidente na guerra, que completará um ano em 24 de fevereiro. A Alemanha espera entregar, entre o fim de março e o começo de abril, 14 tanques Leopard 2 a Kiev, anunciou o seu ministro da Defesa, Boris Pistorius. O Reino Unido também trabalha com o fim de março para a remessa de seus tanques Challenger 2 à Ucrânia. Ontem, o governo do Canadá anunciou que, nas próximas semanas, enviará quatro tanques Leopard, “prontos para o combate”, segundo a ministra da Defesa canadense, Anita Anand. (RC)